
Condições de saúde laboral no trabalho digital de jornalistas no Ceará¹

Rafael Rodrigues da COSTA²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Cotejando os resultados de uma pesquisa pós-doutoral e os dados do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, este trabalho tem o objetivo de debater as condições de trabalho digital (Fuchs e Sandoval, 2014) de jornalistas do Ceará, com ênfase na saúde laboral dessa categoria profissional (Bulhões e Renault, 2016; Pontes e Lima, 2019). Os resultados apontam o rebaixamento das condições de saúde dos profissionais cearenses, expressa, por exemplo, pela piora da saúde mental dos jornalistas. Também são apontadas as peculiaridades das condições de saúde e bem-estar das mulheres jornalistas, a exemplo da ocorrência de assédios.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; comunicação e trabalho; saúde laboral; trabalho digital; Ceará.

INTRODUÇÃO

“Muito mais complexa e precária”. Nesses termos o Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 define a atividade jornalística nos dias atuais em nosso país. Realizada em plena pandemia da Covid-19, a pesquisa flagrou, para além das implicações das circunstâncias instituídas no contexto do isolamento social e da essencialidade do jornalismo no colapso sanitário, diversos indícios de uma crise multidimensional (Christofoletti, 2019) que se insinua há bastante tempo na profissão. Entre as recomendações desta pesquisa, destaca-se a urgência na adoção de estratégias de proteção do emprego, da saúde e do bem-estar dos jornalistas brasileiros.

A ideia de precariedade nas atividades laborais indica um movimento mais amplo, de transformações do mundo do trabalho — não restritas a profissões de natureza intelectual como o jornalismo —, no qual a flexibilidade, a informalidade, a individualização e o aumento da produção da mais-valia sobre o tempo “livre” evidenciam uma reconfiguração do capital a partir dos ditames neoliberais (Antunes, 2018; Dardot e Laval, 2016). Hirata (2011) identifica que a intensificação do trabalho se relaciona com as novas formas de organização flexível do trabalho e da produção, essenciais para a própria reprodução do sistema de trabalho e de emprego.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da UFC, email: rafaelrg@ufc.br.

A piora da saúde física e mental de jornalistas, seja em razão do avanço da precarização na profissão, seja por eventos situados no tempo e no espaço, como a pandemia de Covid-19, tem sido flagrada em diversos estudos (Pontes e Lima, 2019; Nicoletti, 2019; Fígaro, 2021; Araújo e Costa, 2022; Silva, 2022). As condições de trabalho digital de jornalistas acentuam, em muitos casos, os riscos de deterioração da qualidade de vida e bem-estar desses profissionais — o que se expressa, comumente, pela incidência de problemas como estresse, depressão, dores no corpo e lesões por esforço repetitivo, mas também pela ocorrência de assédios e interdições nos ambientes de trabalho.

Lançamos neste trabalho um olhar para as condições de saúde laboral de jornalistas a partir de dados de nossa pesquisa pós-doutoral e também nos aportes do vindouro Perfil do Jornalista do Ceará — um recorte estadual dos dados obtidos pelo Perfil do Jornalista Brasileiro de 2021. Assim, definimos como objetivo de nossa investigação discutir as condições de trabalho digital (Fuchs e Sandoval, 2014) de jornalistas do Ceará, com ênfase na saúde laboral dessa categoria profissional.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Podemos definir trabalho digital, numa primeira aproximação, como consistindo na adoção de algum elemento ou componente digital no fluxo de uma determinada atividade de trabalho (Fuchs e Sandoval, 2014). Exemplos dessa concepção podem ser encontrados na execução de tarefas como a operação no mercado financeiro, a gestão de estoques numa empresa ou ainda a realização de cirurgias teleguiadas. Contudo, a conversão dos comunicadores em trabalhadores digitais se dá, muitas vezes, em infraestruturas inteiramente digitais em torno das quais a atividade laboral desses sujeitos ocorre. Essa constatação autoriza uma segunda concepção de trabalho digital, complementar à apresentada anteriormente, que o caracteriza em termos de um trabalho mediado, organizado e governado por plataformas digitais (Casilli, 2019; Casilli, 2020).

Silva (2019) destaca que as novas formas de organização do trabalho no jornalismo — em especial em arranjos independentes e/ou alternativos — ocorrem em torno da chamada “redação virtual”, ou seja, um modelo dependente de tecnologias digitais em rede para existir. A pesquisadora descreve um quadro dialético para o trabalho nesses ambientes, em que a busca por uma produção jornalística alinhada aos

ideais deontológicos da profissão é tensionada pela precarização das condições de trabalho, expressa, por exemplo, nas lógicas capitalistas que estruturam e modulam o trabalho.

A autora indica elementos pertencentes a esse *modus operandi* capitalista no trabalho dos comunicadores de arranjos alternativos e/ou independentes, a saber: a noção de trabalho por projetos; a polivalência; a redução dos quadros de pessoal; a terceirização; o investimento em engajar os trabalhadores na atividade de trabalho, minimizando divergências e conflitos e gerando alienação e estranhamento; o alargamento das jornadas de trabalho e o apagamento da fronteira entre tempo de trabalho e não-trabalho. Muitos desses elementos estão presentes, em maior ou menor grau, no trabalho das jornalistas atuantes no Ceará entrevistadas para esta investigação.

Bulhões e Renault (2016) enumeram, como elementos que conformam a precarização das atividades dos jornalistas, as longas, intensas e irregulares jornadas de trabalho; o acúmulo de funções oriundo da popularização das tecnologias digitais; a baixa remuneração e os frágeis vínculos de trabalho, especialmente a terceirização, a *pejotização* e a rotatividade de empregos; os crescentes casos de violência contra jornalistas e a diminuição da liberdade de imprensa. Entre as consequências desse conjunto de lógicas que modulam o trabalho de jornalistas, a deterioração das condições de saúde está entre as mais alarmantes.

Saúde é definida por Dejours (1986, p. 11) como a presença de meios para “traçar um caminho pessoal e original em direção ao bem-estar físico, psíquico e social”. Em se tratando de trabalhadores jornalistas, Heloani (2006) identificou, em pesquisa realizada com 44 jornalistas, os quais foram entrevistados em profundidade, a deterioração da qualidade de vida desses profissionais, que se torna, em certa medida, incompatível com a excelência no trabalho. “Não obstante haja um significativo grau de consciência no que concerne à deterioração da qualidade de vida, quase todos os sujeitos tentam adaptar-se, como podem, a esse fato, por meio de saídas individuais” (p. 193).

No Ceará, a piora das condições de saúde da categoria tem sido evidenciada pelo menos desde 2010, ano em que o Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce) realizou pesquisa sobre qualidade de vida e saúde com profissionais das redações dos jornais impressos Diário do Nordeste, O Estado e O Povo. O levantamento constatou que 61,39% dos respondentes ao questionário apresentam problemas de saúde oriundos do

trabalho, como dores nas costas, pescoço e articulações, seguidos de estresse, ansiedade, problemas de visão, dores nos braços, pernas e articulações, dores de cabeça, depressão e palpitações (Vermelho, 2010).

Pontes e Lima (2019) observam que a feminização da profissão de jornalista, tendência flagrada na pesquisa de Perfil do Jornalista em 2012 e também na investigação de Trajetórias Profissionais (2017), decorrente do Perfil, pode explicar, em parte, a prevalência maior das doenças do trabalho entre mulheres. Outros fatores remetem à estrutura social e econômica que historicamente favorece os homens, como a desigualdade remuneratória e o acesso a cargos gerenciais. Os alarmantes índices de assédios entre jornalistas, por exemplo, autorizam a leitura de que as mulheres, relegadas em sua maioria a cargos subalternos, estão particularmente expostas a condutas abusivas nos ambientes de trabalho. Nesta pesquisa, é composto inteiramente de mulheres o universo de jornalistas entrevistadas, cinco ao todo.

Como estratégia compatível com o propósito da pesquisa pós-doutoral, foi adotada a triangulação metodológica de métodos e dados (Jensen & Jankowski, 1993; Figaro, 2014). Esse caminho, já apontado pelo CPCT para a realização de pesquisas que envolvem o trabalho digital de comunicadores e outras investigações sobre o mundo do trabalho dos jornalistas, é sustentado pela tentativa de se compreender em profundidade um dado fenômeno, expondo-o ao escrutínio de múltiplos instrumentos de obtenção de dados, de teorias, métodos e mesmo de investigadores.

A pesquisa bibliográfica ocorreu por meio de consulta a textos fundamentais sobre sociologia do trabalho, linguagem, plataformização, pesquisas aplicadas do campo da Comunicação e outras indicações pertinentes aos propósitos da pesquisa. A técnica de pesquisa documental consistiu na consulta a relatórios de pesquisas como o Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 e Perfil do Jornalista do Nordeste 2023, além da base de dados de respondentes do Ceará do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021.

Já a entrevista³ se apresentou como uma estratégia primordial para o cumprimento do objetivo da pesquisa. Para esta investigação, foram realizadas 5 (cinco) entrevistas com mulheres jornalistas por meio de videochamada, entre junho de 2023 e fevereiro de 2024, as quais foram armazenadas em arquivos em nuvem para posterior transcrição e análise. Essas profissionais são identificadas, no texto, a partir de rótulos

³ A realização da pesquisa, no tocante às entrevistas com jornalistas do Ceará, foi autorizada pelo Comitê de Ética na Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo. CAAE nº 67234422.5.0000.5390 e parecer nº 5.941.258, de 13 de março de 2023.

(Jornalista 1, 2, 3, 4 e 5). Três das entrevistadas atuam em veículos de mídia no Ceará, enquanto duas atuam em instituições fora da mídia, como assessora de comunicação e gestora, respectivamente. Para os propósitos deste trabalho, nos detivemos, prioritariamente, nas respostas dadas à pergunta 14 do questionário, que dizia respeito à percepção das entrevistadas sobre a própria saúde laboral. O enunciado dessa questão propunha: *Você se sente cansado ou adoecido em razão do trabalho? Discorra.*

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A saúde física e mental tem sido apontada nas pesquisas sobre o trabalho de jornalistas como um aspecto capaz revelar nuances, talvez as mais sensíveis, da precarização da profissão. Os dados de saúde do Perfil do Jornalista 2021 confirmam a deterioração das condições de trabalho desses profissionais, com destaque para o nível de estresse e a disseminação das formas de assédio moral.

Entre as mulheres jornalistas, a incidência de problemas de saúde é notadamente maior, conforme demonstrado por Pontes e Lima (2019). Nesse estudo, baseado em dados de respondentes do Perfil do Jornalista de 2012, 60,6% do total de mulheres participantes relatava sentir estresse, ante 52% do total de homens. A situação é similar em outras doenças, com o dobro de mulheres do que homens afirmando estar diagnosticadas com estresse, 29,1% das mulheres declarando enfrentar problemas com LER/DORT, taxa superior aos 16,7% de homens que relataram o mesmo problema. O transtorno mental relacionado ao trabalho também é mais frequente entre mulheres (18,3% ante 11,8% de homens), bem como o uso de antidepressivos (29,9% a 19,8%).

Os dados do Perfil do Jornalista 2021 relativos ao Ceará, apesar de não estarem seccionados por gênero, permitem discernir a continuidade e a intensificação do rebaixamento das condições de saúde laboral. No Ceará, 70,1% dos respondentes da pesquisa afirma já terem se sentido estressados no trabalho. Nacionalmente, são 66,2% e na região Nordeste, 64,6%. Contudo, a quantidade de profissionais cearenses que receberam diagnóstico é bem menor: 36,3% dos participantes, índice semelhante ao registrado na amostra nordestina (33,6%) e nacional (34,1%).

Nos depoimentos das jornalistas entrevistadas, o cansaço aparece de maneira recorrente, em geral em níveis intensos. Profissional atuante em veículo de mídia de Fortaleza, a Jornalista 1 afirma sentir muito cansaço em determinados momentos, a

exemplo das férias de colegas, quando a já reduzida equipe fica desfalcada, e também dos plantões, quando trabalha por 12 dias seguidos sem folgas. Já a Jornalista 3, assessora de comunicação de um estabelecimento público de saúde, também relata cansaço intenso, que atribui à quantidade de demandas direcionadas a ela, a única profissional do setor.

Chega a 20,7% a quantidade de participantes da pesquisa do Perfil que declaram ter recebido diagnóstico de transtorno mental relacionado ao trabalho. Esse índice se assemelha ao registrado na região Nordeste, 18,5%, e no Brasil, 20,1%. Quando perguntados se já receberam indicação para consumo de antidepressivos, 24,7% dos participantes do Ceará afirmaram que sim, ante 75,3% que responderam não a essa questão. Trata-se de um índice próximo daquele aferido na região Nordeste (26,1% de respostas sim a essa pergunta), mas reduzido em comparação com os 31,4% que declaram já ter recebido essa indicação na amostra nacional.

Dentre os jornalistas cearenses participantes da pesquisa, 22,3% afirmam ter sido diagnosticados com algum sintoma de Lesões por Esforços Repetitivos (LER) ou Distúrbios Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT), índice ligeiramente maior que os 19,9% e os 19,2% registrados na amostra nacional e nordestina, respectivamente. Mesmo bastante jovem (24 anos), a Jornalista 1, por nós entrevistada, relata a ocorrência de doenças ocupacionais como tendinite aguda, que atribui às condições materiais desfavoráveis de trabalho, como ergonomia do mobiliário.

A maioria dos participantes da pesquisa no Ceará consideram que seus esforços no trabalho não são devidamente reconhecidos — são 57,4%. No Nordeste, esse índice chegou a 63,8% dos respondentes, enquanto no Brasil foram 55,8%. Outro sinal de desgaste físico e mental no ambiente de trabalho está no índice de jornalistas que faz horas-extras: no Ceará são categóricos 70,1%, em consonância com os altos percentuais da amostra nacional (71,5%) e regional (68,5%).

O assédio moral surge como outro indicador alarmante no conjunto dos dados do Perfil, atingindo, nacionalmente, 40,6% das pessoas participantes da pesquisa. No Ceará, são 42,2% dos respondentes que afirmam terem sofrido esse tipo de assédio, enquanto na região Nordeste esse índice chega a 43,4%. A violência de gênero se apresenta, nos dias atuais, como outro fator de redução da qualidade de vida e de trabalho para as mulheres. A Jornalista 2 foi vítima de assédio moral, violência verbal e

agressão física desferidos por homens no exercício da profissão, em situações de coberturas jornalísticas realizadas em espaço predominantemente masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados permitem posicionar a presente pesquisa como um esforço necessário para a qualificação dos debates sobre o trabalho de jornalistas — uma profissão tão essencial quanto incompreendida no panorama das sociedades democráticas. Os dados apontam o rebaixamento das condições de saúde dos profissionais cearenses, expressa, por exemplo, pela piora da saúde mental dos jornalistas em um cenário marcado de pandemia de Covid-19. Estudos sobre o trabalho de jornalistas nesse período (Fíguro, 2021; Araújo e Costa, 2022) corroboram com essa constatação, reforçada por outros dados do Perfil do Jornalista, como aqueles relativos à intensificação do trabalho dos jornalistas. As entrevistas, realizadas com jornalistas mulheres, corroboram a onipresença dos adoecimentos, sobremaneira o cansaço, o estresse e outras enfermidades mentais. A ocorrência de assédios foi relatada por duas das participantes e surge como outro fator de aviltamento do bem-estar das jornalistas.

Por tudo isso, é preciso avançar nos estudos sobre precarização do trabalho de jornalistas, com um olhar mais dedicado às perspectivas interseccionais e de gênero. O aprofundamento da compreensão das violações aos direitos humanos individuais e coletivos no contexto laboral, e seus impactos sobre os trabalhadores da comunicação, são outras demandas que este estudo coloca como possibilidade de continuidade das investigações.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018

ARAÚJO, Mayara; COSTA, Rafael. Plataformização do trabalho jornalístico na modalidade home office durante a pandemia da Covid-19 no Ceará. In: 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022, João Pessoa. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2022.

BULHÕES, Juliana; RENAULT, David. A precarização da prática jornalística: uma revisão bibliográfica sobre o impacto das condições de trabalho na saúde e qualidade de vida do jornalista. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, p. 164-175, 2016.

CASILLI, Antonio. **En Attendant les Robots**: enquête sur le travail du clic. Paris: Seuil, 2019.

CASILLI, Antonio. Da classe virtual aos trabalhadores do clique: a transformação do trabalho em serviço na era das plataformas digitais. **MATRIZES**, 14(1), jan./abr. 2020, pp. 13-21. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p13-21>

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do jornalismo tem solução?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJOURS, Christophe. Por um novo conceito de saúde. **Revista brasileira de saúde ocupacional**, v. 14, n. 54, p. 7-11, 1986.

FÍGARO, Roseli. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 16, n. 2, p. 124-131, 2014.

FIGARO, Roseli. (Org.). **Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19**. São Paulo: ECA USP, 2021. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/Covid-19-segunda-fase-relat%C3%B3rio-2021-1.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

FUCHS, Christian; SANDOVAL, Marisol. **Digital workers of the world unite!** A framework to critically theorising and analysing digital labour. *TripleC*. V. 22, n. 2, 2014.

HELOANI, Roberto. O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida. **Interações**, v. 12, n. 22, pp. 171-198, 2006.

HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Caderno CRH**, v. 24, n. spe 01, p. 15-22, Salvador, 2011.

JENSEN, Klaus Brun; JANKOWSKI, Nicholas W. (eds.). **Metodologias cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona, Bosch, 1993.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. 2019. 298 f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

PONTES, Felipe Simão; LIMA, Samuel Pantoja. Impactos do mercado jornalístico na vida de seus trabalhadores: um estudo sobre indicadores de saúde dos jornalistas brasileiros. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. e31729, 2019. DOI: 10.15448/1980-3729.2019.2.31729. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/31729>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SILVA, Naiana Rodrigues da. **As relações de comunicação e de trabalho de jovens jornalistas cearenses**: um estudo sobre as dramáticas do uso de si, o ethos e a deontologia profissionais. 2022. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/T.27.2022.tde-22112022-165514. Acesso em: 2024-06-14.

VERMELHO. **Sindjorce**: Pesquisa alerta sobre condição de trabalho nas redações. Publicado em 19 out. 2010. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2010/10/19/sindjorce-pesquisa-alerta-sobre-condicao-de-trabalho-em-redacoes/>>. Acesso em 19 jun. 2024.